

COMUNICADO DO C. S. L.

Conclusão da 1.ª pag.

dependência verdadeira, à Dignidade e ao Progresso.

Com a emergência próxima de Cabo Verde na comunidade internacional como nação independente e soberana, inicia-se uma nova fase da construção da união da Guiné e Cabo Verde, para a consolidação das conquistas revolucionárias da luta comum e para a edificação nas nossas terras de uma sociedade totalmente livre, justa e progressiva.

Inspirado pelos verdadeiros interesses das massas guineenses e caboverdianas e respondendo aos seus legítimos anseios, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.) reafirma nesta hora a sua fidelidade total ao seu Programa, e a sua determinação de prosseguir, guiado pelo pensamento do Fundador e Militante n.º 1, na via de construção da união da Guiné e Cabo Verde, com total respeito pelo princípio da decisão livre, democrática e soberana das populações.

Na Guiné-Bissau, o nosso povo, através dos seus legítimos representantes na Assembleia Nacional Popular, proclamou perante o Mundo, e sem quaisquer equívocos, no acto da fundação da sua República, a 24 de Setembro de 1973, a sua opção pela União, a qual foi solenemente consagrada no Texto da Proclamação do Estado da Guiné-Bissau e na Constituição da República.

A Assembleia Nacional de Cabo Verde, que será democraticamente eleita no próximo dia 30 do corrente mês de Junho, vai decidir e exprimir livremente a vontade soberana do nosso povo da República de Cabo Verde sobre a questão fundamental da união com a República da Guiné-Bissau, para o prosseguimento, na comunhão de destinos que se enraíza no passado de luta e de História comum e que se esforçará no futuro, no trabalho de construção da Felicidade, da Prosperidade, da Justiça e da Paz nas nossas terras.

Depois desta deliberação histórica da Assembleia Nacional de Cabo Verde, poderá ela eleger, em momento oportuno, uma comissão que, com comissão congénere da Assembleia Nacional Popular da República da Guiné-Bissau, integrará imediatamente um Conselho de Unidade da Guiné e Cabo Verde, ao qual caberá a missão de elaborar um projecto de Constituição da Associação dos dois Estados, a

ser submetido às respectivas Assembleias Soberanas.

Em vésperas da data histórica de 5 de Julho de 1975, em que vai nascer, como flor dos sacrifícios de suor e de sangue do nosso povo glorioso, a República de Cabo Verde, o Conselho Superior da Luta do P.A.I.G.C., interpretando a vontade inequívoca de todos os seus militantes das nossas terras e do exterior, apela para todos os Estados, Governos, organizações e organismos internacionais para que:

1. Reconheçam «de jure» desde o momento Histórico da sua proclamação pela Assembleia Nacional, no próximo dia 5 de Julho, a República de Cabo Verde, cuja independência é um passo decisivo no caminho da construção da União da Guiné-Bissau e Cabo Verde;

2. Dêem uma ajuda material concreta e substancial, em especial nos domínios financeiro, do abastecimento em géneros de primeira necessidade e técnico à República de Cabo Verde, cujo acesso à independência ocorre no termo de longos séculos de desenfreada exploração colonialista e de abandono total das suas populações, e de perto de uma dezena de anos de seca contínua, que deixaram o Arquipélago numa situação económica e social catastrófica, tragicamente caracterizada pela ameaça actual e real da fome.

O CSL do P.A.I.G.C. apela igualmente para o patriotismo de todos os cidadãos caboverdianos que, fugindo à opressão e à miséria, procuraram condições de vida e de trabalho decentes no estrangeiro, para que se mobilizem no esforço de salvação nacional, contribuindo, por todos os meios, para o sucesso da luta que agora se prossegue em condições de liberdade e de dignidade para a construção de um Cabo Verde novo, próspero e feliz, para todos os seus filhos.

Viva a República de Cabo Verde!

Viva a Unidade da Guiné e Cabo Verde!

Glória eterna à memória de AMILCAR CABRAL, Fundador e Militante n.º 1 do nosso Partido!

Viva o P.A.I.G.C., Força, Luz e Guia do nosso povo, na Guiné e Cabo Verde!

Bissau, 25 de Junho de 1975.

VIVA A INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

(Conclusão da 1.ª pag.)

forçosamente azuis. E ouviremos certamente «risos e cantos nos lábios das madrugadas». Porque queremos. E podemos. Agora.

Vamos apagar das nossas paisagens as «árvores/de ramos arreganhados/a pingarem suor e lágrimas» e a «terra calcinada/até à exaustão da angústia». O nosso espanto bloqueado começa a não o ser. Já não o é. Porque sabemos.

Continuaremos a trazer dentro de nós todos os mares do mundo, porque é essa a nossa natureza. Nascermos todos na ponta-de-praia. Habitados a sentir na boca «o sabor a algas e a espuma».

E saberemos evitar as pasárgadas. E para isso que serve o chão. Para nele enterrarmos as mãos, convulsas ou não, e não irmos em conversas.

Já lá vai o tempo que esperávamos nosso amanhã «no acordar de cada manhã». O pesadelo acabou. Já não são brinquedos de luxo nossos sonhos de liberdade. A partir do 5 de Julho, «é já a gargalhada dos homens livres/a derramar-se/por todos os cantos da terra». Soltas as âncoras e soltos os barcos, há que recolher. Na constância e no amor do mar. A estrela não nos escorrerá dos dedos, porque conhecemos o caminho que leva ao porto. Já estamos a percorrê-lo. Para que não haja «tanta garganta ressequida/no meio de tanta água».

E haverá nas nossas vozes o desafio de quem zomba da morte.

Não queremos mais paisagens para-alm-do-desespero. Queremos ver as nossas crianças rir «uma boca de criança foi feita para rir». É que já não há distância a separar-nos do sonho impossível. A desesperança virou certeza. Foi atravessada a noite de punhais.

Oh, sim, sabemos, sabemos! Há aquela nódoa, aquela tristeza, aquela noite de S. Tomé. No caminho percorrido. A fazer-nos tropeçar. Noite de S. Tomé na noite mais longa, colonial. Aquele caminho longe, aquele queixume. «Caminho obrigado/caminho trilhado/nos braços da fome» O desespero da roça, os passos prendidos, a mentira do contrato. E também o erguer de cabeça para que «os sonhos não sejam escarnecidos». A morna, o poema a soluçar, perdurou. É o que interessa. Pertence ao mundo dos homens. A culpa, a traição, deixamos-las para «os outros», os que perderam a condição humana. A saúde ausente, longe a alegria, que é da cratcheu?, as lágrimas correram, não poucas vezes, cara abaixo. Sem vergonha. Com o violão a colaborar. Até que o choro acabou. O choro de lágrimas-sem-remédio, para ficar a ser

de esperança no regresso da terra-longe. E foi assim que teimámos em e conseguimos ver para além da prisão. Para Cabo Verde. Para matar a morte. Nós, o povo que partia para a morte, matámos a morte e regressámos. As lágrimas de sangue dos nossos poetas confundiram-se com as lágrimas de alegria de todos nós, do povo todo. Servil é meio gente, diziam «os outros», os não-homens. Caboverdiano é meio gente. Africano é meio gente. Avisámo-los, não nos ligaram importância. Brandiram o chicote, meteram-nos em prisões, de mil maneiras humilharam-nos. «Não nos venham dizer/depois que não vos avisámos». E já não dizem. Não dirão. A lira quebrada é agora tangida (vai ser, está a ser) por dedos novos. A estrela reacendeu-se. A noite de S. Tomé é já história.

Spíá Cabverde da argui/crecheu/spíá bô corpe ta arri». Aqui o corpo de Cabo Verde e o corpo das nossas mulheres é um só. «Da'l bô corpe ta arri». Comunhão. É assim a independência. «E nos coração ta arri».

A hora já não está a chegar. Chegou. Por mais longas que sejam as estradas a percorrer, serão curtas demais para os nossos pés de agora. Porque o nosso amor e a nossa certeza não têm limites. Abrimos os braços, definitivamente, à independência.

Corpos rodeados de espadas, cansaço. Não foi fácil vencer as facas e os punhais. Mas desde há muito, desde sempre, o nosso espírito perdera o medo à morte. Que a morte era a companheira de todos os dias. Não haverá mais na nossa terra «ribeiras de dor e raiva a correr para o mar». O grito de Independência, um só grito nas nossas dez gargantas, somos agora nós mesmos, com o destino nas nossas mãos. Vamos participar do destino do mundo. Amor, luta, esperança, serão sempre as constantes do nosso ser.

O apelo à luta vinha de todos os lados. Mas veio sempre do mar. Nas vozes que vêm do mar. Deste mar que soube (sabe) ser tudo, até soldado valente para nos defender. Preparados nós para tudo, felizmente as ondas não terão perfume de metralha. As metamorfoses não o exigem agora. Os meninos-sem-nome terão nome na «pátria do meio do mar».

De tanto exigimos «a madrugada/que não falha», vamos tê-la ali, ao estender das mãos. A 5 de Julho. E depois o «mar sem sal/para as nossas terras com sede» e, finalmente, nós mesmos, renovados, «na terra renovada pela nossa luta».

Sempre soubemos que viria uma «manhã destruidora de arames farpados», de «searas libertas invioláveis cantando

no coração do povo». Um Cabo Verde verdejante.

Sujar as bocas que nos chamavam nomes feios, partir os chicotes da nossa desgraça, viver depois de mortos por não querermos ser escravos. Luta de todos os dias. Esperança de toda a hora. Virar a nossa terra noutra terra. Agora vamos virá-la. Já começámos. Já não perguntamos para quem é a riqueza da terra. Sabemos.

Da independência, da libertação, também os dias de desânimo, coisa natural, em que pedíamos aos joelhos para não dobrarem sem que chegasse a hora. Os sobressaltos dos nossos corações. As dores de cabeça de tanto pensar na liberdade. Sem tempo, tantas vezes. para o amor. Quando os pássaros da morte ensombavam as auroras. Quando parecia ousadia respirar e sonhar. Tempo de cadáveres a fingir de vivos, de «barrigas fartas de misérias», de «meninos arrebatados em esquinas alucinadas». Passageiros, felizmente. E não podia ser de outro modo. Os nossos olhos bem abertos, vigilantes, não nos deixam adormecer por muito tempo. «Volúpia de construir o futuro/na conquista dia a dia do presente». Pagámos o bilhete, dor e sangue, para entrar na Independência, no sol da nossa liberdade. Pagámos. Por isso, vamos proibir certas coisas, por exemplo: cantar a morte nas ruas, não ter rosas vermelhas no coração, ter olhos sem pássaros dentro, não viver como homens livres, etc., etc.

Um dia de lágrimas. De outro tipo. Lágrimas de-depois-do-último-combate. A porta do «reino encharcado de sol/a razão crioula da nossa luta». Sem razão já para qualquer espécie de medos. Temos «o sonho na palma da mão». Com gestos para o acariciar e olhos para o deslumbramento.

Contaremos um dia às crianças como, desesperadamente, «estendíamos as mãos por sobre o mar», empenhados na unidade que forja as vitórias. Com gestos para o acariciar e pela esperança, deu lugar à certeza. Como, para cantar, foi preciso primeiro sangrar.

E o grito que percorreu Cabo Verde, de Santanton tã Dja Braba, PAIGC. E o que significava (o que significa). «Vitória contra a morte, vitória contra a fome, vitória contra esta vida de estrelas apagadas».

Já explode na noite o riso dos camaradas. Estrelas vermelhas das nossas noites. A partir do dia 5 de Julho, dia 1.º da liberdade. O tempo de bloqueio acabou. E vamos construir o nosso último poema, o nosso poema verdadeiro: «nossa terra a cantar para sempre seu canto de liberdade, um poema de canto no ritmo da independência».

A partir de Julho, 5 de Julho. Dia da nossa Independência.

AS ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR DE CABO VERDE

Hoje, às 16 horas, realizou-se a reunião da Assembleia Nacional Popular, na Câmara Municipal.

Amanhã, depois das cerimónias no Estádio da Várzea, o povo é convidado a concentrar-se na Praça fronteira à Câmara para

tomar conhecimento do texto da Lei da Organização Política do Estado Soberano de Cabo Verde e da designação do Chefe de Estado (ou Presidente de um Conselho de Estado) e do Primeiro Ministro do Governo da República.

RESULTADO FINAL DAS ELEIÇÕES

Ilhas	Números				Porcentagens	
	Inscritos	Votantes	Válidos	Nulos e Brancos	Participação	Positiva
Santiago	51 761	46 794	44 722	2 072	90,40	95,57
Santo Antão	16 485	15 099	14 434	665	91,59	95,59
S. Vicente	18 400	15 963	15 562	401	86,75	97,48
Fogo	13 671	11 906	11 540	366	87,08	96,92
S. Nicolau	5 557	4 784	4 419	365	86,08	92,37
Brava	3 414	1 951	1 935	16	57,14	99,17
Maio	1 420	1 279	977	302	90,07	76,38
Sal	2 456	2 216	2 159	57	90,22	97,42
Boa Vista	1 519	1 334	1 197	137	87,82	89,73
Média Geral	114 683	101 346	96 945	4 381	88,35	95,67